

Sequência de *Uma magia destilada em veneno*



**UM
VENENO
DOCE
E
SOMBRIO**

Autora best-seller do *New York Times*

JUDY I. LIN

JUDY I. LIN

UM
VENENO
DOCE
E
SOMBRIO

Tradução
Adriana Fidalgo

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2023

CAPA
Sija Hong
PREPARAÇÃO
Agatha de Barros

REVISÃO
Mauro Borges
TÍTULO ORIGINAL
A Venom Dark and Sweet
eBook
Flex Estúdiot

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L715v

Lin, Judy I

Um veneno doce e sombrio [recurso eletrônico] / Judy I. Lin ; tradução Adriana Fidalgo. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.

recurso digital (Os livros do chá ; 2)

Tradução de: A venom dark and sweet

Sequência de: Uma magia destilada em veneno

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-301-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção taiwanesa-canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Fidalgo, Adriana. II. Título. III.

Série.

23-83705

CDD: 819.13

CDU: 82-3(71)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2022 by Judy I. Lin

Publicado mediante acordo com Feiweel & Friends, um selo da Macmillan Publishing Group, LLC.
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-301-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

PARA MEU MARIDO: SEU AMOR ME AMPAROU NOS MOMENTOS MAIS
difíceis.

GLOSSÁRIO

Termo	Nome chinês	Pronúncia	Significado
Águas Pretas (Batalhão)	黑江 (營)	hēi jiāng (yíng)	Uma força rebelde operando perto do Rio das Águas Claras.
dān	丹	dān	Medicina contida em comprimido ou pó, em geral associada ao aprimoramento de propriedades mágicas.
Dōngzhì	冬至	dōng zhì	Solstício de Inverno (feriado).
guǎn	管	guǎn	Instrumento musical de palheta dupla.
miǎn guān	冕冠	miǎn guān	Equivalente chinês a uma coroa, usada pelo imperador regente.
shénnóng-shī	神農師	shén nóng shī	Mestre de Magia Shénnóng.
shénnóng-tú	神農徒	shén nóng tú	Aprendiz de Magia Shénnóng.
wǔ xíng	五形功夫	wǔ xíng gōng fū	Os cinco estilos de artes marciais.
wǔlín-shī	武林師	wǔ lín shī	Mestre de artes marciais do Tigre Preto.
zhīcáng-sī	知藏司	zhī cáng sī	Guardião de Segredos, um Ancião de Yèliǔ.

Guia de Pronúncia — Nome de Personagem

Nome	Nome chinês	Pronúncia
Badu	巴渡	Bā Dù
Bixi	鼻屨	Bì Xì

Chen Shao	陳邵	Chén Shào
Fei	霏	Fēi
Gao Ruyi	高如意	Gāo Rú Yì
Gongyu	龔禹	Gōng Yǔ
Hongbo	宏博	Hóng Bó
Ho-yi e Ho-buo	何姨, 何伯	Hó Yí, Hó Bó
Huang (Irmão / Tenente)	黃 (師兄 / 上尉)	Huáng (shī xiōng / shàng wèi)
Li (Xu) Kang	李 (許) 康	Lǐ (Xǔ) Kāng
Li Ying-Zen	李瑩貞	Lǐ Yíng Zhēn
Lin Huayu	林華宇	Lín Huá Yǔ
Lin Wenyi	林文義	Lín Wén Yì
Luo Lian	羅蓮	Luó Lián
Pequeno Wu (Wu Zhong-Chang)	小吳(吳忠昌)	Xiǎo Wú (Wú Zhōng Chāng)
Qi Meng-Fu (Professor)	齊夢福 (師尊)	Qí Mèng Fú (shī zūn)
Ren (Ge)	仁 (哥)	Rén (gē)
Tai (Anciã)	泰 (師尊)	Tài (shī zūn)
Zhang Ning	張寧	Zhāng Níng
Zhang Shu	張舒	Zhāng Shū

Lugares Dignos de Nota

Nome do lugar	Nome chinês	Pronúncia	Localização
Águas Claras (Rio)	清水(河)	Qīng shuǐ (hé)	Rio que separa a província de Yún das Ilhas Esmeralda.
Ãnhé (Província)	安和(省)	an hé (shěng)	Província costeira e agrícola do sudeste.

Băinião (Desfiladeiro)	百鳥 (峽)	bǎi niǎo (xiá)	A Garganta dos Cem Pássaros; ao largo da cidade de Ràohé.
Dàxī	大熙	dà xī	O Vasto e Brillhante Império.
Fúróng (Rio)	芙蓉 (河)	fúróng (hé)	Um afluente do Rio das Águas Claras, corta o Desfiladeiro de Băinião.
Guòwū (Estreito)	過巫 (關)	guò wū (guān)	Passagem na montanha que leva a Yěliū.
Hánxiá (Academia)	函霞 (寺)	hán xiá (sì)	Academia dedicada à Carpa Azul e aos estudos de agricultura, criação de animais e chá.
Huá (Prefeitura)	華 (州)	huá (zhōu)	Prefeitura, fica a oeste da capital.
Jia (Cidade)	佳 (都)	jiā (dū)	Capital de Dàxī.
Kallah (Província)	佉拉 (省)	kǎ lā (shěng)	Província de pastagens do noroeste.
Língyǎ (Mosteiro)	陵雅 (寺)	líng yǎ (sì)	Mosteiro, túmulo dos antigos imperadores. Localizado dentro de Jia.
Lǜzhou (Prefeitura)	綠 (洲)	lǜ (zhōu)	Prefeitura do nordeste, composta de uma península e um grupo de ilhas, também conhecida como as Ilhas Esmeralda.
Mar do Esquecimento (Mar de Bambu)	忘憂竹海	wàng yōu zhú hǎi	Floresta de bambu na fronteira entre Kallah e Yún.
Ràohé (Cidade)	遶和 (鎮)	rào hé (zhèn)	Cidade às margens do Águas Claras, na costa leste de Yún.
Sù (Província)	溯 (省)	sù (shěng)	Província agrícola do sudoeste.

Tai Shan Zhuang (Residência)	泰山 (莊)	tài shān (zhuāng)	Antiga residência da Anciã Tai.
Tiānxiáng (Lago)	天祥 (湖)	tiān xiáng (hú)	Lago na fronteira de Kallah.
Wūlín (Academia)	武林 (寺)	wū lín (sì)	Academia consagrada ao Tigre Preto e aos estudos de estratégia militar e artes marciais.
Xīngyuán (Vila)	興元 (村)	xīng yuán (cūn)	Vila na base da passagem na montanha que leva a Yěliǔ.
Xīnyì (Vila)	辛藝 (村)	xīn yì (cūn)	Aldeia natal de Ning.
Yěliǔ (Academia)	野柳 (寺)	yě liǔ (sì)	Academia dedicada a Bìxì, à Tartaruga Esmeralda, e aos estudos da justiça e dos ritos.
Yún (Província)	雲 (省)	yún (shěng)	Província montanhosa do norte.

Ingredientes Medicinais Chineses Mencionados

Nome do ingrediente	Nome chinês	Pronúncia	Nome científico ou comum
bānjìtiān	巴戟天	bā jǐ tiān	Raiz de <i>Morinda officinalis</i> (amora indiana).
benjoim	安息香	ān xī xiāng	Resina obtida da casca da árvore e usada como incenso e perfume.
chénxiāng	沉香	chén xiāng	Resina de Pau-de-águila.
dāncān	丹參	dān cān	Raiz de <i>Salvia miltiorrhiza</i> (Sálvia vermelha).
fu ling (cogumelo)	茯靈	fú líng	<i>Wolfiporia extensa</i> , um fungo.

hú huáng lián	胡黃連	hú huáng lián	Raiz de <i>Picrorhiza scrophulariiflora</i> .
kūnbù	昆布	kūn bù	Alga marinha.
lí lú	藜蘆	lí lú	Raiz de <i>Veratrum nigrum</i> .
língzhī (cogumelo)	靈芝	líng zhī	<i>Ganoderma lingzhi</i> , um fungo.
pó de pérola	珍珠粉	zhēn zhū fěn	Pérola ou concha de <i>Pteria martensii</i> (ostra) moída.
raiz de alcaçuz	甘草	gān cǎo	Raiz de <i>Glycyrrhiza uralensis</i> .
raiz de peônia branca	白芍	bái sháo	Raiz de <i>Paeonia sterniana</i> .
shārén	砂仁	shā rén	Frutos secos de <i>Wurfbainia vilosa</i> .
yuǎnzhì	遠志	yuǎn zhì	Raiz de <i>Polygala tenuifolia</i> .
zheěrgēn	折耳根	zhé ěr gēn	Tubérculo de <i>Houttuynia cordata</i> (Cauda de lagarto chinês; folha coração).

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46

CAPÍTULO UM

KANG 康

QUANDO MENINO, KANG SONHAVA EM VOLTAR AO PALÁCIO.

Um emissário chegaria a Lùzhou, um borrão de cor nos céus cinzentos e rochas pretas. Haveria músicos tocando uma melodia radiante e alegre e bandeiras tremulando ao vento. Um palanquim deixaria na praia, onde tais devaneios muitas vezes ocorriam a Kang, um oficial da corte vestido com uma túnica azul, e o homem desenrolaria um pergaminho bordado: um decreto do imperador. A família seria convidada a retornar a Jia, suas posições restauradas, e o garoto retomaria a vida entre as crianças do palácio.

No entanto, nenhum emissário apareceu e aqueles sonhos de infância se dissiparam. Somente agora, enquanto aguarda diante do imponente portão do palácio, as memórias lhe assaltam. Fustigam-no como os ventos do norte um dia fizeram, lhe invadem o nariz com o cheiro de sal. Mas Kang sabe a verdade: seu lar de infância não existe mais. Não há imperatriz viúva para pedir à cozinha que lhes traga outro prato de doces. Nenhum tio imperador para ensinar caligrafia em uma tela. Nenhuma princesa recitando mais um tratado sobre negociação diante do tutor. Kang voltou sob uma chuva de flechas, levando consigo nada além de mentiras e destruição. Não importa o quanto quisesse fingir o contrário: houve um dedo seu em tudo o que aconteceria a seguir.

Seu cavalo bufa baixinho, esbarrando na montaria ao lado. O animal sente a mudança no ar, a oscilação dos ventos. Kang imaginou que um golpe de Estado seria mais sangrento. Sangue e fogo, a julgar pelas histórias

contadas por professores e pelas próprias lembranças fragmentadas de dez anos antes. Em vez disso, viu os soldados do exército se espalharem pelas fendas de Jia como água em um leito seco de rio. A capital de Dàxī os sorveu durante toda a noite, conforme o céu empalidecia e um novo amanhecer raiava sobre a cidade adormecida.

O portão se abre. Kang entra, flanqueado pelos homens do pai. Há fileiras de soldados em estado de alerta, vestidos com o uniforme preto da guarda da cidade. Um caminho foi aberto à frente, e os soldados se curvam quando eles passam. Não há som de batalha a seguir, nenhum desafiante clangor de aço. Apenas o peso da expectativa, da mudança iminente.

Quando encontrou o pai na casa de chá, o general era todo sorrisos, o rosto corado pelo vinho. Ele lhe deu um tapinha nas costas e disse que Kang havia feito sua parte. Como um bom filho, um bom soldado. Embora queira desfrutar do entusiasmo causado pela aprovação do pai, Kang ainda sente um desconforto no fundo da mente, como uma comichão. A voz de Zhen sussurra para ele: *Todos aqueles planos se concretizando, mas a que custo?* Ele julgou que a prima se referisse à fraude de seu noivado, mas ela riu na sua cara diante da sugestão.

Um dos soldados de infantaria se aproxima para tomar as rédeas do cavalo, e Kang desmonta. Um oficial o cumprimenta com uma ligeira reverência, trajado com o preto e verde do Ministério da Justiça, e se apresenta como o governador de Sù, Wang Li. Eles atravessam uma porta lateral e sobem a escada estreita escondida no muro alto junto ao Pátio do Futuro Promissor.

— O General de Kǎiláng! — anuncia um arauto ao longe, e o grito em resposta é estrondoso, ecoando pela passagem de pedra.

— Quero lhe dar as boas-vindas pessoalmente, meu príncipe. — O governador sorria no topo da escada e gesticula para ele prosseguir. — Bem-vindo de volta a Jia.

O som do título faz a pele de Kang arrepiar. *Príncipe.*

Mas o pensamento é afugentado pelo que o aguarda no pátio abaixo. Daquela posição estratégica ele vê os oficiais da corte aglomerados no espaço diante das escadas que levam ao Salão da Luz Eterna, cercados pelo vermelho da guarda do palácio e o preto da guarda da cidade. Alguns homens parecem confusos, enquanto outros já se prostraram no chão na

ânsia de mostrar deferência ao futuro imperador. À esquerda, a longa muralha está repleta de arqueiros, e Kang vê o mesmo tremeluzir de sombras ao longo do comprimento da parede oposta. Uma presença óbvia para aqueles abaixo, um lembrete do poder do general.

O general está no topo da escada, adornado em armadura completa. Fulgurante em preto e dourado, desde as garras curvas do elmo até o brilho das botas. O Chanceler Zhou está a sua direita, vestido com os trajes formais da corte. Não há dúvida de quem vai governar e quem o ajudou a subir ao trono.

O pai de Kang levanta os braços e o rugido dos soldados silencia. Eles se ajoelham em saudação, uma onda sincronizada. Os hesitantes remanescentes da corte ainda de pé também se ajoelham, seguindo o exemplo de seus pares. Mas Kang grava aqueles rostos na memória, assim como sabe que o chanceler também os está registrando. Os que se curvaram primeiro e os que vacilaram.

Os braços do general retornam à lateral do corpo enquanto o arauto avança outra vez.

— Levantem-se para ouvir as palavras do regente, que em breve ascenderá ao trono de nosso vasto império.

Os soldados retornam à posição de sentido com um baque das lanças reverberando nos muros do pátio. Os oficiais se levantam, cambaleantes.

— Para alguns de vocês, minha volta pode parecer uma surpresa — a voz do General de Kāiláng ecoa acima da multidão. — De bom grado fui para o exílio há tantos anos, desejando ver a glória de nosso grande império progredir sem conflitos internos. Não podemos projetar força em meio a brigas. Pensei que daria a meu irmão uma chance, e, em vez disso, ele se empenhou em levar Dàxī à ruína.

Meu pai sempre foi afeito a discursos inspiradores e conhecido pela capacidade de instigar aqueles que o seguem, de encorajá-los a lutar em seu nome.

— Mesmo com todas as suas ambições, ele jamais imaginou que seu próprio sangue se voltaria contra ele. A princesa que criou envenenou o pai e tentou eliminar os membros da corte que ficariam no caminho da consolidação de seu poder. Agora, a mim foi confiado restaurar a honra do nome Li e garantir que se faça justiça pela morte de meu irmão.

O discurso inflamado do general parece ter jogado um ninho de vespas no meio da corte, pois a plateia não consegue mais se conter e se manter em silêncio: as pessoas sussurram e murmuram entre si diante da revelação. Kang sente o foco da atenção sobre si e luta para manter o rosto impassível, mesmo sob crescente inquietação.

Uma garota lhe contou sobre os componentes do veneno e suas origens em Lùzhou. Uma princesa tentou esconder a notícia da morte do pai do restante do reino. Kang vislumbrou apenas uma pequena parte dos planos intrinsecamente traçados pelo pai, e o general se recusou a responder a suas perguntas sobre de onde viera o veneno.

Ele encontra o olhar do chanceler, e o homem lhe dirige um pequeno sorriso antes de se voltar para o pátio mais uma vez.

A dúvida rasteja fundo sob a pele de Kang. Importa se seu pai liberou o veneno? O imperador não existe mais, a princesa se foi, o trono está vazio e à espera daquele que vai ocupá-lo. Mas, por dentro, a pergunta ainda queima: *Foi seu pai quem deu a ordem?*

— Trarei paz e prosperidade de volta a Dàxī. Vou extirpar os traidores, os corruptos — anuncia o general com grande fervor. — Começando pelo palácio. A traiçoeira princesa e sua shénnóng-tú de estimação escaparam, mas não continuarão livres por muito tempo. O Ministério da Justiça vai trazê-las de volta.

O Chanceler Zhou dá um passo à frente e proclama:

— Assim deseja o imperador regente de Dàxī!

— Assim deseja o imperador regente! — ecoam os súditos, então se ajoelham mais uma vez para receber seu comando divino.

De cabeça baixa, rosto escondido de olhares desconfiados, Kang sente os lábios se curvarem em um sorriso.

Ela está viva.

CAPÍTULO DOIS

NING 寧

MINHA MÃE DIZIA QUE O MUNDO NASCEU DA ESCURIDÃO. A PARTIR daquele grande nada primordial veio a consciência, e os primeiros deuses despertaram de seu sono. A Grande Deusa surgiu, quebrando a escuridão como se quebra um ovo. Com o irmão, separou céu e terra.

Nunca se esqueçam, dissera ela. O mundo começou com um sonho. Nossa vida é igual. Continuem sonhando, minhas filhas. O mundo é maior do que imaginam.



A luz do sol atravessa o dossel verde acima, as folhas farfalhando levemente na brisa. O ar tem o perfume de um agradável dia de verão, mas estou presa em algum lugar entre o sono e a vigília. Sinto como se tivesse me esquecido de algo importante, fora de alcance. Meu corpo é sacudido por um movimento embaixo de mim, e me sento depressa demais, a cabeça girando.

As árvores passam como um borrão aos meus olhos. Minhas mãos roçam um tecido áspero: o cobertor que escorregou quando me mexi. Eu me viro e percebo que estou em uma carroça. Sentada a minha frente, minha irmã está com os olhos fechados, a boca se movendo. Conheço a expressão: Shu trabalha em um quebra-cabeça particularmente difícil em sua mente. Algum tipo de padrão de bordado, ou está contabilizando os ingredientes na

despensa do papai. Mas, então, seus olhos se abrem e encontram os meus. Ela se apressa para se sentar ao meu lado.

— Você acordou — diz Shu com alívio, e então, antes que eu possa impedi-la, chama as duas figuras sentadas na parte da frente da carroça. — Ela acordou!

Não consigo me conter. Agarro seu braço para ter certeza de que ela é real. Preciso saber que não continuo sonhando, que não estou adormecida em um barco sobre o Rio Jade, ainda tentando encontrar o caminho de volta para casa. Ou pior: encolhida no chão das masmorras do palácio, esperando a manhã da minha execução. Os pensamentos inquietantes afugentam o calor do dia, deixando apenas um calafrio em seu rastro. Shu olha para minha mão e então a cobre com a sua.

Ela abre a boca para dizer algo, mas, antes de falar, a carroça para com um solavanco, nos jogando para a frente. Uma das figuras se desequilibra na frente da carroça e aterrissa ao nosso lado, a borda do chapéu largo lançando sombra em seu rosto. Apenas quando ela olha para cima é que reconheço o rosto: as feições marcantes, reverenciadas por poetas em versos floreados, que agora me são familiares. Alguém a quem até ousou chamar de amiga.

Zhen, a princesa de Dàxī, veste uma túnica marrom simples, o cabelo preso em uma longa trança. Atrás dela está o cocheiro, alguém que também reconheço: Ruyi, sua aia, vestida com um uniforme marrom idêntico. Parecem fazendeiros voltando de um dia no campo.

Ruyi me dá um rápido aceno de reconhecimento antes de se virar para incitar o cavalo adiante com um estalo da língua.

— Como está se sentindo? — pergunta Zhen. Shu também me olha com veemência, e a sensação de alarme se intensifica.

Balanço a cabeça, ainda um pouco tonta, tentando me lembrar.

— Você vai ter de me contar o que aconteceu.

Sem convite, as imagens então surgem diante de mim. O rosto imponente do chanceler me sentenciando à morte. As vívidas pétalas dos botões de peônia no bordado de Shu. Perseguir minha irmã através da floresta sombria. Meu pai chorando sobre seu corpo. A forma decadente da Serpente de Ouro, o brilho de suas presas cruéis e os olhos vermelhos de sangue.

Uma dor repentina irradia do centro da minha testa e solto uma exclamação, curvando o corpo.

A agonia se espalha por mim como fogo, consumindo qualquer outro pensamento. Vagamente, sinto mãos me tocando, me ajudando a deitar enquanto a dor me inunda de novo e de novo. Flutuo em meio a ela por um instante. Podem ser minutos ou horas, não sei. Até que por fim, pouco a pouco, a agonia diminui. Até que consigo, lentamente, encontrar o caminho de volta a mim mesma, então me forço a sentar outra vez.

— Aqui. Beba um pouco de água.

Um frasco é colocado em minhas mãos, e derramo água fria na boca.

— Você dormiu por três dias e três noites. — Shu me passa um lenço para enxugar o rosto, irradiando preocupação. — Sua febre estava alta, e papai tentou expurgar a infecção da melhor maneira possível. Alguns sintomas provavelmente ainda persistem...

Resgatei Shu da escuridão apenas para cair nela, e não me lembro de nada do que aconteceu depois.

— Papai... Onde ele está? — Deixamos de lado nossas diferenças a fim de salvar Shu, juntos. Mas tenho muito mais a perguntar a ele. Sobre ele e mamãe no palácio. Quero saber do que desistiu para começar uma vida nova em Xīnyì. Tudo o que nunca entendi até ir para Jia.

Shu parece relutante em responder.

— Depois que você perdeu a consciência, papai mandou avisar à vila que eu tinha piorado e que ele não poderia fazer as rondas diárias. O Capitão Wu foi ver como eu estava, e também nos dar um aviso.

Certa vez, nosso pai salvou a vida do capitão depois de uma queda feia. O Capitão Wu sempre foi gentil conosco, tentando nos dar rações extras, muito embora, no geral, papai as recusasse.

— Ele avisou que os soldados viriam em breve de Nánjiāng para procurá-lo, por ordem do governador. Papai lhe deu permissão para revistar nossa casa enquanto eu me escondia na cama com você. — Os lábios de Shu estremecem com a lembrança. Estendo o braço e seguro a mão da minha irmã, ciente de que deve ter sido uma experiência aterrorizante.

— Seu pai veio nos encontrar depois — continua Zhen. — Ele nos disse que deveríamos partir... nos forneceu as roupas e a carroça, e falou que os enviaria na direção oposta se os soldados viessem.

— Por que ele não está conosco? — pergunto. — Ele corre perigo!

Zhen troca um olhar com Shu. Aquela familiaridade me perpassa com uma descarga de irritação. Elas sabem de algo que eu não sei. O que acham

que precisam esconder?

— Ele não quis vir — admite Zhen, finalmente. — Disse que ainda há pacientes sob seus cuidados.

É óbvio. Seus pacientes. Suas obrigações.

— Tentei convencê-lo a vir — acrescenta Shu, mas, em vez de me tranquilizar, a informação só me irrita ainda mais. O modo como sempre tenta ver o melhor das pessoas, mesmo quando continuam a nos decepcionar. Ela não deveria ser o alvo da minha raiva, ainda assim...

— Vila à frente! — avisa Ruyi, quebrando a tensão.

Zhen volta para a dianteira da carroça enquanto Shu olha adiante com interesse, me deixando sozinha com minhas perguntas e pensamentos sombrios.



A luz oblíqua da tarde não brilha sobre a vila movimentada. Em seu lugar, apenas um bando de galinhas cruza nosso caminho quando atravessamos os portões. Passamos por casas de tijolos de barro construídas em torno de pequenos pátios, separadas da estrada principal por cercas baixas de madeira. Uma mulher pendura a roupa no varal, e Ruyi vai conversar com ela, voltando com a localização de uma pousada. Da parte de trás da carroça, eu a vejo nos espiar, e a mulher desvia o olhar somente quando me flagra a observando de volta.

Ruyi conduz o cavalo por outra estrada e entra em um pátio largo com o portão aberto. A placa pendurada na parede indica apenas que se trata de uma pousada, sem nome oficial para o estabelecimento. Um homem idoso sai para nos cumprimentar com um sorriso e toma as rédeas do cavalo das mãos de Ruyi.

Deslizo para fora da carroça, mas minhas pernas quase cedem sob meu peso e me apoio na lateral. Se dormi por três dias e três noites, aquilo explicaria minha fraqueza... e o ronco do meu estômago. Zhen tagarela alegremente com a idosa que nos dá as boas-vindas com uma bandeja de doces. Ouço a princesa contar uma história sobre como somos peregrinos a

caminho de Yěliū para prestar nossos respeitos à Tartaruga Esmeralda do Oeste.

Reconheço agora que estamos em Xìngyuán, uma vila diante da passagem na montanha que leva a Yěliū. Um lugar onde nunca estive, a dois dias de viagem ao norte da minha casa. Zhen deve estar seguindo as instruções da carta de Wenyi, como havia planejado desde o início. Vai pedir ajuda. Sou grata a ela por me ajudar a chegar até minha vila, alterando seus planos para que eu pudesse salvar Shu. Ela não nos deixou para trás, mesmo quando poderia facilmente tê-lo feito.

— Me deixe examinar seu ferimento. — Ruyi surge atrás de mim e me ampara, percebendo que mal consigo andar. — Precisamos trocar o cataplasma outra vez.

Quando ela menciona o emplastro, meu braço começa a doer, quase como um lembrete. Manco até a porta que Zhen e Shu já atravessaram. Do outro lado, há uma grande sala, com vários bancos e mesas de madeira. Ruyi me ajuda a sentar pesadamente em um deles.

— Vou trazer um pouco de chá para vocês, gentis clientes. — A anciã abaixa a cabeça, e Ruyi a segue pela outra porta, na parede oposta.

Olho para o curativo, lembrando do momento em que a serpente cravou as presas em meu braço e do horror de retornar ao meu corpo com as marcas ainda na pele. Sou tomada por um estranho desejo de verificar sua aparência agora.

Shu paira perto de mim, tentando ser útil, mas posso sentir sua ansiedade.

— Não precisa ficar olhando. Ruyi vai me ajudar — afirmo, sabendo que a visão de sangue a deixa desconfortável.

Minha irmã tenta protestar, mas Zhen a chama para ajudá-la, e Shu parte com um olhar relutante.

Quando Ruyi volta com uma grande bacia de água fumegante e alguns panos limpos, eu já havia usado o que sobrou do tecido para limpar os restos de cataplasma a fim de examinar bem as feridas.

Parte do meu braço está rosada e inchada, quente ao toque. Há dois cortes onde as presas perfuraram a pele e a rasgaram quando caí da árvore no universo da Transmutação e voltei ao meu próprio corpo. Certa vez acreditei, como disse à Governanta Yang, desconhecer qualquer magia que pudesse enviar uma pessoa através do tempo e do espaço.

As marcas contam uma história diferente. Existem magias mais sombrias do que compreendemos.

Ruyi me ajuda a limpar os ferimentos. Cerro os dentes com a dor brusca e lancinante. Ela tira as ervas de molho em uma tigela à parte e as deposita no meu braço. O cheiro pungente que liberam é medicinal e familiar... Me lembra meu pai. Engulo a tristeza e digo a mim mesma que *ele* escolheu ficar para trás.

Depois que o emplastro foi aplicado e a atadura, presa, o calor do curativo alivia um pouco a dor. Abro e fecho a mão, sentindo a pele repuxar e esticar. Terminamos bem a tempo de nossos anfitriões nos receberem para jantar no quintal, cercado por lindas rosas em tons variados florescendo na cerca e na treliça acima. Branco-pálido com bordas do rosa mais claro, flores amarelas brilhantes do tamanho do meu punho e rosas trepadeiras cor de pêssego, com muitos botões pequenos e delicados. A fragrância complementa nossa refeição enquanto comemos tigelas de macarrão picante mergulhado em molho de pimenta, coberto com tripas crocantes de porco e broto de feijão. A massa é acompanhada por pequenos pratos de repolho em conserva e rabanete. Partilhamos também um prato de zhéěrgēn, um tubérculo branco amolecido em óleo, sua doçura um delicioso contraste para a salsicha salgada e curada com a qual é frito. Os pratos da vila são consideravelmente mais condimentados do que estou habituada, o que não é surpresa, pois a região faz fronteira com a prefeitura de Huá, famosa por seu amor por pimentas. Ho-yi e Ho-buo, os simpáticos estalajadeiros, mantêm nossas xícaras cheias de chá de crisântemo e se recusam a ser tratados pelos títulos respeitosos destinados aos anciões.

Com a fome saciada, nos retiramos cedo para nossos respectivos quartos, cientes de que a jornada para subir a serra até Yěliǔ vai tomar a maior parte do dia seguinte. Ho-buo se oferece para nos ajudar a trocar a carroça e o cavalo por dois pôneis resistentes, capazes de carregar nossas provisões montanha acima.

Shu me ajuda a apertar as bandagens de modo a assegurar que não vão sair do lugar durante a noite, mas ela franze a testa para meu braço, como se o membro a tivesse insultado de alguma forma.

— Algum problema? — pergunto, com suavidade.

Ela puxa as ataduras uma última vez, certificando-se de que estão seguras, mas não me olha nos olhos.

— Eu... Eu não gosto que você tenha se machucado por minha causa — murmura.

Sinto um aperto no coração diante de sua expressão. Minha generosa irmã, sempre disposta a ajudar, incapaz de ver alguém sofrendo. Eu deveria saber que ela iria se preocupar. Ainda temos de discutir o que aconteceu antes do meu retorno e o que se desenrolou desde então. Mas não sei se estou pronta para tocar no assunto.

— Estou de volta agora. — Dou de ombros, tentando manter o tom leve. — E *you* está de volta, e isso é tudo o que me importa.

Ela suspira.

— Odeio não ter sido capaz de ajudá-la, não ter nem mesmo podido ajudar papai quando ele tratou de você.

Reconheço seu desamparo porque senti o mesmo e me entristece não poder poupá-la do sentimento.

— Se não fosse seu bordado, eu não teria descoberto o antídoto. — Eu a lembro. — Garota esperta. — Tento bagunçar seu cabelo, como eu costumava fazer para irritá-la quando éramos crianças. Ela se esquiva dos meus dedos, finalmente sorrindo um pouco.

Sopro a vela e dormimos, deixando as preocupações de lado por aquela noite. Mas, em vez de sonhos relaxantes e memórias felizes, sonho com olhos vermelhos me observando na escuridão.

CAPÍTULO TRÊS

KANG 康

QUANDO SUA MÃE MORREU, KANG PENSOU QUE TAMBÉM PERDERIA o pai. Por três dias e três noites, o general velou a esposa no quarto onde o corpo foi mantido, recusando-se a sair quando a família tentou incentivá-lo a comer ou descansar. Pediram a Kang que intercedesse em nome deles, mas foi inútil. O general não falaria com ninguém. Kang pôde apenas se ajoelhar na porta e ouvir o som do choro ou da fúria do pai do outro lado. Na quarta manhã da vigília, chegou uma carta da capital destinada apenas aos olhos do general, carta esta que foi passada por baixo da porta.

O general saiu logo depois, pegou um barco e mantimentos suficientes para uma semana e desapareceu. Não disse para onde iria ou quando voltaria. Kang executou sozinho o restante dos ritos fúnebres. As orações. As intermináveis cerimônias, procissões pela vila; recebeu as homenagens do povo de sua mãe, dos soldados do pai. Ele observou conforme as chamas da pira funerária da mãe iluminavam a noite e carregou os ossos dela pelas falésias para serem oferecidos ao mar.

Kang quase se convenceu de que o pai viajara em busca da morte. Então a vela do barco apareceu no horizonte quase cem dias depois que a mãe foi sepultada. Ele recebeu o pai na margem, aos pés das Falésias Esmeralda, ainda vestindo o branco do luto. O general estava macilento, queimado de sol, mas os olhos brilhavam com um fervor desesperado. Kang descobriu sobre o conteúdo da carta, sobre o acidente de caça que não foi bem um acidente de caça e o papel do imperador na morte da mãe.

Foi então que Kang entendeu o novo propósito do pai.

Vingança.



Dois dias após o general marchar sobre a capital com suas tropas, Kang é convocado para a câmara do conselho do pai. Esperando na entrada do palácio interior, Kang pensa de modo fugaz em como tudo parece o mesmo e, no entanto, completamente diferente. Os soldados enviados para sua residência foram substituídos pela guarda privada do pai, rostos familiares, mas não amigáveis. Os oficiais que, há menos de uma semana, passavam apressados por ele nos corredores agora o saúdam com um aceno de cabeça ou até uma reverência. Os criados também parecem inseguros sobre como cumprimentá-lo e tendem a evitar o rapaz, tomando um caminho diferente se o virem ao longe. Mas aqueles que agora o servem o fazem com deferência e um certo medo, pois o Ministério da Justiça começou a vasculhar as alas do palácio depois da proclamação do general, erradicando os suspeitos de serem leais à trama que resultou na fuga da princesa.

À exceção de quando foi levado como prisioneiro pelos túneis secretos até o jardim privado da princesa, aquela é a primeira vez em muitos anos que Kang viu o palácio interior. Pelo que se lembrava dos corredores pintados, pouca coisa mudou, mas as paredes do interior da câmara do conselho agora não tinham qualquer tipo de ornamentação ou cor. Todas as decorações do antigo imperador foram removidas, à espera de que o novo governante determine o que julga agradável aos olhos. Há apenas seu pai, sentado à mesa de sequoia, com o chanceler à sua esquerda, tomando uma xícara de chá.

— Pai. — Kang faz uma mesura. — Chanceler.

O pai gesticula para que ele se sente no assento vazio em frente ao chanceler, enquanto o homem o cumprimenta com um aceno de cabeça.

Kang se senta na cadeira dura de madeira enquanto um criado chega com uma bandeja de iguarias e chá. Esperava uma audiência privada com o pai, mas parece que há outro propósito para a reunião. Algo além de assuntos familiares.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um veneno doce e sombrio" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).